



CAZÉ, Ana Flávia J. O. A DANÇA NA IGREJA: PROPOSIÇÕES DE ENSINO.

Salvador: Igreja Batista dos Mares. Escola Municipal Santa Rita; professora. PPGDança/UFBA; Mestrado; Dulce Tamara Lamego Silva e Aquino.

RESUMO

Relato de experiência artístico-educacional que propõe, a partir de pressupostos transdisciplinares, uma relação dialógica entre Dança e Religião. Apresenta as estratégias de apropriação de conteúdos de dança e suas possíveis conexões com questões religiosas na realidade do "Karisma – Dançando para Cristo", grupo pertencente à Igreja Batista dos Mares/Salvador/BA. Traz um panorama de como a dança tem se disseminado na igreja evangélica e suas possíveis projeções e configuração de debate na esfera acadêmica para situar este fenômeno. Configura-se em um estudo de caso contruído sob uma abordagem histórico-descritiva da relação dança e religiosidade. Reflete sobre a prática da dança num recorte espacial específico como a igreja evangélica e os desdobramentos cognitivos observados nos corpos que vivenciam esta prática enquanto experiência encarnada do corpóreo com o sagrado. Autores como Denise Najmanovich, Klauss Vianna, Mirceia Eliade e Pierre Lèvy colaboram na construção teórica. As conclusões indicam um alargamento no entendimento e na apropriação da dança e incorporação de seus conteúdos no cotidiano de corpos que se movem nesse espaço sagrado.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Religiosidade; Ministério; Ensino

ABSTRACT

Experience report artistic and educational proposes, from disciplinary assumptions, a dialogical relationship between dance and religion. Presenting strategies of appropriation of dance content and their possible connections with religious issues in the reality of "Karisma - Dance for Christ", a group belonging to the Baptist Church of the Seas/Salvador/BA. Provides an overview of how the dance has spread in the evangelical church and its possible projections and configuration of debate in the academic sphere to situate this phenomenon. Set in a case study built on a historical-descriptive of the relationship dance and religiosity. It reflects on the practice of dance in a specific spatial area as the evangelical church and the developments observed in cognitive bodies that experience this practice as embodied experience of the body with the sacred. Authors such as Denise Najmanovich, Klauss Vianna, Mirceia Eliade and Pierre Levy collaborate in the theoretical construction. The findings indicate a broadening of the understanding and ownership of dance and incorporating their content in the everyday bodies that move in this sacred space.

KEYWORDS: Dance, Religiosity, Ministry, Teaching

INTRODUÇÃO

A dança, discutida na esfera acadêmica, constitui um terreno sólido para discussões; estabelece extensa rede com áreas do saber, indo além das expectativas

artísticas /educacionais. Nesse universo, a inserção da dança em igrejas evangélicas como força expressiva e agente mediador entre os membros e a esfera divina ganha força. Apropriando-se de diversas técnicas em dança, terminologias tais como “Dança Profética” e “Adoração com Danças”.

A dança carrega em si preceitos éticos, estéticos e políticos e este movimento não foge a esta dinâmica; é preciso compreender como a dança e o sagrado se entrelaçam e promovem o levantamento de uma série de questões no meio evangélico. Nesse contexto, trago o relato da experiência vinda do curso realizado junto ao grupo nomeado *Karisma – Dançando para Cristo*, pertencente à Igreja Batista dos Mares em Salvador – BA e como a dança uma vez introduzida nesse meio promoveu modificações no modo como as integrantes desse grupo se relacionam com a dança.

A DANÇA: DO SAGRADO AO PROFANO

Na história existem exemplos de conexão entre a dança e o sagrado. Desde o início, a dança foi vivenciada como linguagem com gestual específico que toma diferentes feições a partir dos rituais que a regem; varia conforme o contexto em que se desenvolve e constitui uma estrutura comunicativa entre os homens. Através de seus movimentos é possível contar a história de uma comunidade, traduzindo momentos de sua trajetória. Para historicizar este percurso:

[...] é preciso que se volte no tempo, visto que os primeiros registros de movimentos do corpo – de expressões corporais – datam de 14.000 anos atrás. Historiadores que tanto se ocuparam com a época pré-histórica, de forma global, deixaram em plano inferior a questão do movimento corporal usado na época. Só no séc XX, época em que a *Dança* passa a ser pesquisada como uma das mais importantes manifestações do homem em aspectos sociais, religiosos, culturais, entre outros, é que o estudo sobre o tema começou a ser aprofundado, utilizando-se de documentos iconográficos para mapear tanto a sua origem como a sua função. (MAGALHÃES, 2003, p.2).

Inicialmente, registros pictóricos em cavernas retratavam a atividade cotidiana na dança; ela estava relacionada aos rituais da subsistência da pesca, caça e colheita. Gravuras nas paredes da gruta Gabillou na França registram estes fatos. Também filósofos como Sócrates discutia a dança através de:

[...] Platão em *Leis VII*, considerou a Dança como a atividade que formava o cidadão por completo. A Dança daria proporções corretas ao corpo, seria fonte de boa saúde, além de ser ótima maneira de reflexão estética e filosófica, o que a faz ganhar espaço na educação grega. O homem grego não separava o corpo do espírito e acreditava que o equilíbrio entre ambos que lhe trazia o conhecimento e a sabedoria. (MAGALHÃES, 2003, p.3).

Na transição do período grego à ascensão de Roma e da igreja católica, as relações entre dança e religião modificaram-se. A dança, antes um ato de evocação do divino adquire uma percepção recreativa, seu espaço de atuação é transferido dos templos para os guetos; no Renascimento, esteve nos salões da aristocracia. Registros históricos evidenciam que a humanidade foi responsável pela dualidade entre dança e religiosidade. Essa ruptura é deflagrada na Idade Média quando a dança é retirada dos templos e apontada como atitude pagã; desde então, amplia-se esta separação carregada de preconceitos.

Na Idade Média, em função dos anátemas lançados contra a dança pela Igreja, há uma ruptura no desenvolvimento de sua história. O cristianismo, na sua condenação do mundo romano que

apodrecia, englobou as artes que refletiam esta decomposição. Os padres da Igreja, Santo Agostinho entre eles, condenaram “esta loucura lasciva chamada dança, negócio do diabo”. Além desta maldição circunstancial, a contaminação do pensamento bíblico pelo dualismo grego levou São Paulo a opor o espírito aos sentidos e a desprezar o corpo: o bem no homem só está na alma, e todo mal vem da carne. (CALDEIRA, 2008, p.4).

Assim, apartada da igreja, a dança permanece presente nas manifestações populares e profanas festivas como mecanismo de resistência e permanência.

A DANÇA NA IGREJA EVANGÉLICA

Apesar da ruptura entre dança e igreja; novas conexões se formaram surgindo novos contextos; a própria igreja e o cristianismo sofreram mudanças em suas práticas. Assim como a dança se diversificou em organizações técnicas, a igreja se diversificou em doutrinas, sendo uma delas a igreja evangélica.

Decorrente da reforma protestanteⁱ na Idade Média, a igreja evangélica chegou ao Brasil no início do século XX com a vinda de missionários e, atualmente, alcança uma grande aceitação no Brasil. Na concepção evangélica existem diversas correntes doutrinárias com variações nos modos de organização; temos batistas, assembleianos, pentecostais, neopentecostais e novas correntes que surgem. Por conta da difusão do pensamento dicotômico entre dança e sagrado, o cenário na igreja protestante era da dança ainda em uma instância de entretenimento totalmente inadequada para um crente. Dançar na liturgia era sequer imaginado.

De acordo com pesquisas, o movimento denominado “adoração com danças” começou por volta da década de 70 quando algumas igrejas incluíram o uso do violão e cânticos mais animados em seus cultos. Com isso a dança se espalhou pelas igrejas evangélicas como forma de adoração; todavia, a resistência permanecia em muitas igrejas. Rita Cruz, bailarina e pesquisadora de danças bíblicas testemunha o fato:

[...] quando comecei a receber convites para dançar em outras igrejas – mesmo em eventos especiais (principalmente festas bíblicas realizadas nas igrejas) e de evangelização – tive muitos problemas. Fui humilhada, achincalhada e literalmente convidada a retirar-me de alguns lugares. Logicamente em muitos outros, o trabalho foi tão bem aceito que deu origem a grupos de dança em diversas igrejas. (CRUZ; 2007, p.84).

Atualmente, em processo de consolidação a dança na igreja evangélica vem assumindo preocupações e valores sobre como conduzir este ministério de modo que esteja comprometido com a proclamação do evangelho.

GRUPO KARISMA E A DANÇA COMO ELEMENTO DO SAGRADO

Em meio ao processo de inserção da dança na igreja evangélica surge o objeto deste estudo: o grupo Karisma – Dançando para Cristo é criado em 2004 na Igreja Batista dos Mares em Salvador- BA integrando o ministério de artes desta. Com jovens entre doze e dezoito anos, sem vivência prévia em dança e com a visão bíblica da dança enquanto dom concedido por Deus e aprimorado pelo ser humano.ⁱⁱ

Perceber um espaço para o estudo da dança como agente na revelação dos mistérios da fé motivou a realização de um curso que contribuiu na conscientização do Karisma sobre a relação entre fé e dança. Trabalhar a dança no Karisma demandou conscientização de que o movimento coreográfico carrega signos

comunicativos que possibilitam uma conexão com o sagrado. Discutindo a dança e da sua capacidade comunicacional, Greiner (2003, p.50) afirma que “[...] a dança nada mais é do que um processo de comunicação altamente complexo e especializado que emergiu no corpo quando este se mostrou apto a elaborar processos simbólicos nascidos de caldos culturais”.

A reformulação dos conteúdos trabalhados com o Karisma buscou o entendimento de que dança e fé comunicam algo e por isso os corpos que dançam carregam múltiplos signos sagrados. As aulas pensadas para despertar uma dimensão de revelações levaram o curso para a compreensão de que a dança na igreja pode ser trabalhada no sentido de contribuir para a aproximação entre os corpos que ali dançam e o público num diálogo colaborativo no qual quem assiste não permanece estático, pois se sente convidado a conhecer a mensagem de fé.

A aproximação entre cena e público é apontada por Ranciére (2004, p.5) ao falar da emancipação do espectador, pois “[...] faz com que eles abandonem a condição de espectador: eles não estão mais sentados diante de um espetáculo, estão cercados pela cena, arrastados para o círculo da ação, o que devolve a eles sua energia coletiva”. Para que esta proposta funcionasse foi preciso imbuir às alunas a compreensão dos corpos como agentes diretos na promoção desse diálogo com a igreja e que para tal uma preparação contínua e consciente é necessária.

DANÇAR COM FÉ: MODIFICAÇÕES OBSERVADAS

Conceber a dança como elemento do sagrado, colaborando na revelação dos mistérios da fé demandou a elaboração de um roteiro organizando o modo que este conhecimento pode ser aplicado na igreja e culminou no curso “Servindo a Deus com a Dança”. O curso objetivou vivenciar técnicas corporais para despertar a expressividade do movimento, discutir as simbologias sagradas dos mistérios, desenvolver uma postura crítica em relação à mensagem do evangelho, superar o modelo de repetição e contribuir na criação coreográfica. Organizado em módulos para conectar os conhecimentos em dança, os módulos foram divididos nos conteúdos: corpo, tempo/espço, movimento e criatividade.

O conteúdo de corpo trabalhou pontos de apoio, eixo corporal, centro de energia, tônus muscular, respiração, alongamento e uso das articulações. Os conteúdos de tempo/espço explorou: tempo individual, coletivo, sagrado e também a métrica. Nos conteúdos do movimento rerealizamos experimentos que envolveram dinâmica, fluência, peso, circularidade. Por fim, foi no módulo de conteúdos de criatividade processos de criação trabalhamos dramatização e interpretação dos mistérios.

Durante o curso escrevemos um diário de bordo onde foram registradas as impressões. A observação mais evidente foi à familiarização com conteúdos que auxiliaram na desenvoltura do movimento. Dos entraves verificados, o desenvolvimento do conteúdo referente à criatividade foi o mais evidente. A partir dos registros foi possível fazer um *feedback*.

CONCLUSÃO

Escrever sobre este processo trouxe a oportunidade de refletir sobre a prática do ensino de dança na igreja e como este conhecimento desencadeia novas formas de

saber. A experiência de visitar o sagrado e inserir este elemento nas aulas de dança possibilitou construir um conhecimento em dança que pretendo desenvolver profissionalmente.

No Karisma, percebo mudanças na qualidade do movimento agora realizado com consciência corporal ampliada. Isto reflete no modo de se colocar na aula e também na ação coreográfica. Ainda é visível o conflito de algumas alunas em perceber que coreografia e mensagem estão unidas quando se trabalha questões do sagrado na dança, mas creio que isto será resolvido na continuidade dessa forma de conceber a dança na igreja. Diante das experiências proporcionadas a nós, o curso encontra-se em processo de alargamento sendo difundido em outras igrejas evangélicas de Salvador a fim de propagar a dança como unidade do sagrado que insere os participantes nos mistérios e revelações da fé.

REFERÊNCIAS

BOURCIER, P. **História da Dança no Ocidente**. In: Opus 86. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CALDEIRA, S. **A RELIGIOSIDADE NA DANÇA**: Do sagrado ao profano. Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes – São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, I. **O feminino e o sagrado na dança**: um ensaio sobre a coragem de ser. In: Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, SC: 25 a 28 de Agosto de 2008.

GREINER, C. A Dança como estratégia evolutiva da comunicação corporal. In: Revista LOGOS: Comunicação e Artes. Ano 10, nº18. Rio de Janeiro RJ, 2003.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. Trad. Daniele Ávila. Disponível em http://antropofagia-interculturalismo.blogspot.com.br/2010/03/o-espectador-emancipado-artigo-de_12.html Acesso em 19/06/2012

A Reforma Protestante foi apenas uma das inúmeras Reformas Religiosas ocorridas após a Idade Média e que tinham como base, além do cunho religioso, a insatisfação com as atitudes da Igreja Católica e seu distanciamento com relação aos princípios primordiais.

ⁱⁱLivro de I Coríntios 7;7